
Comunicação Político-Religiosa, Populismo de Extrema Direita e a Teoria do Marxismo Cultural em Seis Palestras do Padre Paulo Ricardo no Youtube¹

Andréa Basilio S. CHAGAS²

Bruno ARAUJO³

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

O objetivo deste trabalho é estudar a construção do que grupos de ultradireita ao redor do mundo chamam de “Marxismo Cultural” na comunicação político-religiosa do Padre Paulo Ricardo em seis episódios sobre o tema presentes no canal do Youtube do religioso. Compreendemos a figura do padre como associada ao bolsonarismo católico e a sua performance nas redes com traços de influenciador olavista. Utilizando a teoria ator-rede (TAR) como eixo metodológico, analisamos a rede sociomaterial que compõe essas palestras e discutimos como essa rede comunicacional promove um discurso político-religioso ultradireitista que atravessa o catolicismo ligado ao bolsonarismo. A análise joga luz sobre o uso de teorias conspiratórias na propaganda ultradireitista promovida também por líderes religiosos, permitindo mapear as controvérsias existentes nas disputas entre o catolicismo tradicionalista, ligado à extrema direita, e a teologia da libertação, com suas bases marxistas.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação político-religiosa; populismo de extrema direita; marxismo cultural; Paulo Ricardo; Youtube.

RESUMO EXPANDIDO

O objetivo do trabalho é analisar a construção do “Marxismo Cultural” em seis palestras ministradas pelo Padre Paulo Ricardo — um expoente do bolsonarismo católico e ex-aluno de Olavo de Carvalho, principal “guru” da extrema direita brasileira —, que estão disponíveis no canal de YouTube do religioso, como conjunto de vídeos-aulas. O “Marxismo Cultural” é uma das teorias da conspiração mais difundidas pela ultradireita contemporânea, segundo a qual haveria uma suposta infiltração de ideias marxistas em instituições culturais, sociais e midiáticas do Ocidente, como parte de um plano para minar valores ocidentais e criar uma hegemonia de esquerda.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religiões, evento do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em setembro de 2024

² Bolsista de pós-doutorado do Programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Edital CAPES 16/2022. E-mail: andreabasiliochagas@gmail.com.

³ Professor do Programa de pós-graduação em Comunicação e do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso. Líder do Midiaticus – Grupo de Pesquisa em Mídia, Política e Democracia. E-mail: brunoaraujo@gmail.com

Carapanã (2018) argumenta que a teoria da conspiração do Marxismo Cultural é uma reinvenção da teoria nazista do “Bolchevismo Cultural”, pois as duas teorias se baseiam na mesma denúncia do pensamento progressista e da modernidade, em uma grande conspiração maléfica, na qual artistas, intelectuais, professores e outros seriam agentes do mal e buscariam corromper valores tradicionais e destruir a sociedade. Nesse sentido, o antissemitismo explícito do “Bolchevismo Cultural” é a mais significativa diferença entre as duas versões da “conspiração cultural” (Chagas, 2022). Por outro lado, Stanley ([2018] 2020) alerta que movimentos fascistas costumam querer apresentar sua perspectiva de mundo como a única verdade existente, e tudo que escape disso costuma ser ridicularizado ou chamado de “Marxismo Cultural” (Chagas, 2022). Desse modo, assim como “comunista” ou “comunismo” são termos ressignificados e reconstruídos como etiquetas no discurso da extrema direita para atacar inimigos políticos, “marxismo cultural” tem sido utilizado, pela propaganda extremista, para desqualificar o diferente.

Assim, ao lado de outras teorias conspiracionistas criadas para causar pânico e mobilizar as pessoas em torno de uma agenda extremista e anticientífica, a ideia de “Marxismo Cultural”, tal como empregada pela extrema direita, integra o repertório de construções fraudulentas que animam e dão forma a sua propaganda política, com manifestações inclusive no discurso de líderes religiosos associados a esses movimentos, como é o caso do bolsonarismo e do sacerdote católico aqui analisado.

Apesar da base religiosa que é mobilizada pelo bolsonarismo ser percentualmente maior entre os evangélicos, acreditamos ser profundamente importante entendermos como os elementos da comunicação político-religiosa transitam entre distintos modos de religiosidade cristã. Se entre os evangélicos, a despeito de sua grande diversidade, criam-se pontes para uma propaganda e uma comunicação de extrema direita norteadas por uma argumentação cívico-religiosa, que consegue atingir e mobilizar grupos protestantes, examinamos o catolicismo conservador neste texto, buscando compreender como tais arranjos comunicacionais transitam e atuam também no cristianismo católico.

Neste trabalho, partimos dos estudos da comunicação, em uma abordagem sociomaterial, e das pesquisas sobre populismo de extrema direita e conservadorismo religioso, buscando compreender a rede que constitui a comunicação político-religiosa que atravessa o catolicismo ligado à extrema direita na atualidade. Em termos teóricos, entendemos a comunicação político-religiosa da extrema direita como um tipo de comunicação que mescla religião e política em torno de ou a favor de um projeto de poder

com fins autoritários. Trata-se de um tipo de comunicação que prega mais sobre o mundo do que sobre o céu — ou que, de alguma forma, tenta fundir os dois “reinos” em um só regimento, quase como se replicasse existências de espaços real e virtual, um etéreo, outro físico, mas entrelaçados em uma vida cristã conservadora. Uma forma de comunicação que tenta inscrever na construção do Estado aquilo que considera como diretrizes para um tipo de *Paraíso*, que luta contra a Modernidade e que procura criar um território de verdade a partir de seus dogmas e da fé.

Nesse modo religioso de se expressar a respeito da política, fundem-se crenças e ambições, nublam-se as fronteiras da laicidade do Estado, mesclam-se aspirações partidárias e justificativas divinas. No discurso ultradireitista, a “cultura” e o “modo de vida correto” estariam em risco, precisando ser salvos, protegidos, engessados dentro de uma suposta moral cristã. Essa forma de pregação política se constitui a partir de um entendimento religioso do mundo e é usada para arrebatar fiéis-eleitores e afetar políticas de Estado, apelando a elementos típicos da religiosidade cristã contemporânea em uma performance político-partidária, mesclando actantes cívicos e religiosos, como ferramentas de comunicação e marketing.

Uma forma de comunicação, que, mais do que usar um actante de poder absoluto — a exemplo, “Deus” como “justificativa incontestável” — recorre a sentenças do tipo “o rei é rei, porque essa é a vontade de Deus” ou “o comunismo é o mal no mundo, porque a Virgem Maria revelou isso a uma pessoa em uma aparição”. O discurso religioso passa a ser a fonte de legitimidade da ação no mundo, o que está intimamente conectado a um tipo de populismo teocrático que tem sido frequente em diversos países do mundo, incluindo a experiência brasileira, na qual a figura do Deus cristão, interpretado pelo discurso de lideranças religiosas específicas, tem sido mobilizado para legitimar e endossar o discurso da extrema direita bolsonarista.

Dessa maneira, a comunicação político-religiosa acaba por atuar como um tipo de “falar religioso” para se referir a causas partidárias como pautas do bem, ora como um tipo de construção de um céu na Terra, ora como estratégia de sobrevivência, de engessamento do tempo, de salvaguarda de posições sociais e privilégios, uma luta pela história e pelo tempo presente. Trata-se de uma luta política que performa, como uma guerra santa, que usa a religião como meio, como ferramenta comunicacional, com efeitos perversos sobre a própria democracia, como se viu no 8 de janeiro de 2023 (Chagas; Araújo, 2023). Assim, a comunicação político-religiosa da extrema direita mescla um

regime de enunciação religiosa, inscrevendo um território móvel, cívico-religioso, habitado por cidadãos de bem, que parece tentar construir um *Paraíso* de verdades absolutas, de certezas e segurança. No caso do bolsonarismo, onde a comunicação político-religiosa da extrema direita é central, trata-se de um território onde cruzes e bíblias convivem harmonicamente com armas de fogo e discursos violentos, com ataques aos direitos humanos e ao estado democrático — um território guiado por um actante “Deus”, senhor de exércitos, no qual os adversários — os de fora, os *outros perigosos* — não são meros opositores políticos, mas apresentados como agentes do mal e inimigos do bem, que precisam ser combatidos e, no limite, exterminados.

A partir dessa discussão teórico-conceitual, para estudar a comunicação do Padre Paulo Ricardo na construção do “Marxismo Cultural” em seu canal no Youtube, conduzimos um estudo concentrado na análise de seis vídeos sobre o tema postados no canal do padre na plataforma⁴. São vídeos nos quais o padre, na condição de sacerdote-palestrante, se dispõe, como descreve a legenda, a “apresentar a revolução cultural dentro da Igreja”. Gravados há 12 anos, o material audiovisual soma mais de 5 horas de duração, forjado em moldes de videoaula, e compõe, até hoje, uma aba de destaque no canal do religioso. Por meio de uma abordagem qualitativa, o estudo identifica os eixos semânticos predominantes no discurso sobre o “Marxismo Cultural”, e, com base na teoria ator-rede (TAR), mapeia, os fluxos de comunicação e os actantes (Latour, 2004) dos vídeos.

Esse movimento analítico permite compreender se e em que medida o discurso católico conservador de Paulo Ricardo se nutre da propaganda da extrema direita, além de identificar, no caso concreto, as controvérsias na comunicação do catolicismo conservador aliado ao bolsonarismo. Esse tipo de articulação tem, nos últimos anos, impactado a democracia liberal, a laicidade do estado, as dinâmicas sociais, tornando-se parte do “corpo” do populismo de extrema direita no Brasil, como discutimos em outro estudo (Chagas; Araújo, 2023).

Da análise desenvolvida até o momento, entendemos que o discurso do Padre Paulo Ricardo sobre o “Marxismo Cultural”, está encerrado em um emaranhado complotista, cercado pela disseminação do medo e da desconfiança contra adversários políticos e as esquerdas (Cesare, 2022), que muitas vezes é usado para combater ou opor-se a pautas feministas, direitos da população LGBTQIAPN+, reivindicações da população

⁴ <https://www.youtube.com/@padrepauloricardo>

negra, entre outros direitos de minorias e grupos minorizados, com tudo isso mergulhado em temores fantasiosos e cercado por teorias que pregam um poder oculto à espreita.

Em relação à rede sociomaterial que inscreve a comunicação em análise, destacamos, inicialmente, as *thumbnails* dos vídeos — entre elas, destaca-se uma foto que ilustra o segundo vídeo, contendo as figuras de Hitler e Mussolini. Tais imagens reforçam as ideias do padre, relacionando comunismo e fascismo, sendo essa relação uma constante argumentação da propaganda política da extrema direita, que, muitas vezes, envolta em uma rede de *fake news* e desinformação, tenta afastar a biografia de companheiros do seu espectro político, empurrando-os para o campo adversário, com a pretensão deliberada de ligar as esquerdas a tais movimentos ultradireitistas e a crimes contra a humanidade.

Ao longo dos seis vídeos analisados, o padre-palestrante defende um tipo de “verdade única do mundo”. Expondo aos alunos – sempre ao lado de uma alva imagem de Nossa Senhora — os meandros do que apresenta como pensamento marxiano, da doutrina marxista e da denúncia do marxismo cultural, o religioso descreve uma suposta rede, ora maligna, ora irracional, assim como ora visível, ora invisível, que teria se infiltrado na Igreja Católica. Essa rede diabólica teria se constituído, segundo o discurso do padre, a partir da teologia da libertação, que tentaria enganar as pessoas sobre a verdade do mundo e manipulado a sociedade brasileira, para destruir a cultura judaico-cristã. Uma das causas do que ele denuncia é, portanto, a teologia da libertação.

Por outro lado, a comunicação político-religiosa conservadora aqui analisada faz constantes referências à conduta de clérigos e às tradições da própria Igreja Católica. O religioso recorre a um emaranhado de meias verdades, desinformação, complotismo e a diversos malabarismos retóricos, para convencer a audiência de que pessoas que pedem respeito à diversidade e à justiça social — duas questões centrais na teologia da libertação, mas também nos movimentos progressistas de maneira geral — são demoníacas e querem o mal do mundo. Como tal, se a teologia da libertação é apontada como causa, o pensamento progressista e intelectual contemporâneos acabam por ser apresentados como um tipo de arquitetura do mal, o grande inimigo, que o sacerdote apresenta como fruto do “gramscianíssimo”, da Escola de Frankfurt e da teologia da libertação.

Por outro lado, entre os actantes da rede, destacamos, entre outros, os seguintes: Verdade, a Cultura, o Bem, a Tradição, a Família, o Papa, as Batinas, a Virgem Maria, o comunismo, o fascismo, o Diabo e o Tempo. A frequência constante com que esses actantes são convocados no material audiovisual evidencia que eles são os nós da rede.

Com isso, as audiências encontram a descrição de uma trama que descreve um mundo em risco, valores que necessitavam ser salvos, santos-heróis, o mal absoluto que precisava ser conhecido e rechaçado, e o tempo, que não poderia correr, que talvez tivesse de ser retroagido. Em seu conjunto, trata-se de flagrante negação às mudanças e à modernidade.

Com base nesses dados, podemos refletir sobre o fato de que, apesar de a propaganda política da extrema direita se basear, muitas vezes, na “venda” de um mundo melhor, imaginado em um passado idealizado, esse confronto político é uma disputa pelo presente. O passado deve ser reconstruído no hoje, para o deleite dos “cidadãos de bem”. E esse apelo ao hoje, ao agora, também encontra reflexos no pensamento religioso.

Como aponta Manuela Mayrink (2024)⁵, mesmo grupos que estão em espectros opostos do campo político-religioso, como partidários da teologia da libertação (católicos de esquerda) e grupos norteados pela teologia da prosperidade (protestantes ligados ao neoliberalismo e ao bolsonarismo), o seu pensamento religioso, guardada as devidas especificidades, aponta para a importância da vida no mundo físico, da importância da qualidade de vida na Terra e não somente em um pós-vida. Com base nesta observação, é interessante pensar que, para a vida religiosa contemporânea que se faz na Terra e no tempo presente, as disputas religiosas são também disputas políticas, por isso distinguir discurso religioso de discurso político pode ser cada vez mais difícil.

REFERÊNCIAS

CARAPANÃ. A nova direita e a normalização do nazismo e do fascismo. *In: O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil* (Coleção Tinta Vermelha). Boitempo Editorial. Edição do Kindle.

CESARE, D. O complô no poder (Portuguese Edition) (p. 2). Editora Âyiné. Edição do Kindle. (2022)

CHAGAS, A. B. da S. **Uma Ponte Para Jerusalém**: Apropriações tecnoestéticas, neorestauracionismo e comunicação político-religiosa no Brasil contemporâneo. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea). Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, 2021. 308f.

CHAGAS, A.B & ARAÚJO B.B. A Destra do Altíssimo: O sagrado e a extrema direita em imagens da intentona bolsonarista de 8 de janeiro. 2023. **Intercom**

⁵ Em aula proferida na disciplina Tópicos Especiais em Comunicação III: Estudos Avançados em Comunicação, Política e Religião, Período: 2024/1 Turma: PPG COM – UFMT Professora: Dra. Andréa Basilio S. Chagas

LATOUR, Bruno. **Redes que a razão desconhece**: laboratórios, bibliotecas e coleções. Porto Alegre: Tramas de Redes Sulinas, 2004a, p. 39-63.

STANLEY, J. **1969 - Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”** / Jason Stanley. Tradução Bruno Alexander. Porto Alegre [RS]: L&PM, 2018. Editores. Edição do Kindle.

BARBOSA. A. Mapeando as controvérsias que envolvem o processo de medicalização da infância. (2019) **Psicologia & Sociedade**, 31, e213211